

---

**BEN DUPRÉ**

---



---

**IDÉIAS DE**

---

**FILOSOFIA**

---

**QUE VOCÊ PRECISA CONHECER**

---

**BEN DUPRÉ**

---



---

**IDEIAS DE**

---

**FILOSOFIA**

---

**QUE VOCÊ PRECISA CONHECER**

Tradução de  
Rosemarie Ziegelmaier



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Ben Dupré, 2007

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015, 2022

Copyright da tradução © Rosemarie Ziegelmaier

Título original: *50 philosophy ideas you really need to know*

Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Rosamaria Affonso

*Revisão:* Maurício Katayama

*Diagramação:* Balão Editorial

*Capa:* Filipa Damião Pinto (@filipa\_) | Foresti Design

INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Dupré, Ben

50 ideias de filosofia que você precisa conhecer/ Ben Dupré; tradução  
Rosemarie Ziegelmaier. - 2. ed. - São Paulo : Planeta, 2021.

216 p.

ISBN 978-65-5535-614-4

Título original: *50 philosophy ideas you really need to know*

1. Filosofia I. Título II. Ziegelmaier, Rosemarie

21-5404

CDD 100

Índice para catálogo sistemático:

1. Filosofia

Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Sumário

Introdução 7

## QUESTÕES DE CONHECIMENTO

- 01 O cérebro numa cuba 8
- 02 O mito da caverna 12
- 03 O véu da percepção 16
- 04 *Cogito ergo sum* 20
- 05 Razão e experiência 24
- 06 A teoria tripartite do conhecimento 28

## A MENTE IMPORTA

- 07 A questão mente-corpo 32
- 08 Como é ser um morcego? 36
- 09 O teste de Turing 40
- 10 O navio de Teseu 44
- 11 Outras mentes 48

## ÉTICA

- 12 A guilhotina de Hume 52
- 13 A carne de um homem... 56
- 14 A teoria do comando divino 60
- 15 A teoria abaixo/viva 64
- 16 Fins e meios 68
- 17 A máquina de experiências 72
- 18 O imperativo categórico 76
- 19 A regra áurea 80
- 20 Atos e omissões 84
- 21 Ladeiras escorregadias 88
- 22 Além do mero dever 92
- 23 É ruim ser azarado? 96
- 24 Ética da virtude 100

## DIREITOS DOS ANIMAIS

- 25 Os animais sentem dor? 104
- 26 Os animais têm direitos? 108

## LÓGICA E SIGNIFICADO

- 27 Formas de argumentação 112
- 28 O paradoxo do barbeiro 116
- 29 A falácia do apostador 120
- 30 O paradoxo de sorites 124
- 31 O rei da França é careca 128
- 32 O besouro na caixa 132

## CIÊNCIA

- 33 Ciência e pseudociência 136
- 34 Mudanças de paradigma 140
- 35 A navalha de Occam 144

## ESTÉTICA

- 36 O que é arte? 148
- 37 A falácia intencional 152

## RELIGIÃO

- 38 O argumento do desígnio 156
- 39 O argumento cosmológico 160
- 40 O argumento ontológico 164
- 41 A questão do mal 168
- 42 A defesa do livre-arbítrio 172
- 43 Fé e razão 176

<b>POLÍTICA, JUSTIÇA E SOCIEDADE</b>	48 Teorias da punição	196
44 Liberdade positiva e negativa	49 Bote salva-vidas Terra	200
45 O princípio da diferença	50 Guerra justa	204
46 Levia-tã	Glossário	208
47 O dilema do prisioneiro	Índice	211



# 01 O cérebro numa cuba

**“Imagine que um ser humano foi submetido a uma cirurgia por um cientista do mal. O cérebro da pessoa foi retirado do corpo e colocado numa cuba com nutrientes que o mantêm vivo. As terminações nervosas foram conectadas a um supercomputador científico que faz com que a pessoa tenha a ilusão de que tudo está perfeitamente normal. Parecem existir pessoas, objetos, o céu etc.; mas, na verdade, tudo o que a pessoa experimenta é resultado de impulsos eletrônicos que viajam do computador para as terminações nervosas.”**

Um cenário de pesadelo, de ficção científica? Talvez, mas claro que é exatamente isso que você diria se fosse um cérebro dentro de uma cuba! O seu cérebro pode estar numa cuba, e não dentro de um crânio, mas tudo que você sente é exatamente igual ao que sentiria se estivesse vivendo num corpo de verdade no mundo real. O mundo à sua volta – sua cadeira, o livro em suas mãos, as suas próprias mãos –, todo ele é parte de uma ilusão, pensamentos e sensações introduzidos no seu cérebro sem corpo pelo computador superpoderoso do cientista.

É provável que você não acredite que o seu cérebro está flutuando em uma cuba. A maioria dos filósofos talvez não acredite que são cérebros em cubas. Mas não é preciso acreditar nisso; você só precisa admitir que não tem certeza de que não é um cérebro numa cuba. A questão é que, se for um cérebro dentro de uma cuba (você não pode descartar essa possibilidade), tudo o que você sabe sobre o mundo seria falso. E, se isso é *possível*, então você não sabe nada de nada. Essa mera possibilidade parece enfraquecer nossas afirmações de que conhecemos o mundo externo. Será que existe um modo de escapar da cuba?

**As origens da cuba** A clássica versão contemporânea da história do cérebro-numa-cuba foi criada pelo filósofo norte-americano Hilary

## linha do tempo

**c.375** a.C.

O mito da caverna

**1637** d.C.

A questão mente-corpo

**1644**

*Cogito ergo sum*

Putnam em seu livro de 1981, *Reason, Truth, and History*, mas o germe da ideia tem uma história mais longa. O experimento mental de Putnam é, na essência, uma versão atualizada de uma história de terror do século XVII – o gênio maligno (*malin génie*), conjurado pelo filósofo francês René Descartes em sua obra de 1641, *Meditações sobre a filosofia primeira*.

A intenção de Descartes foi reconstruir o edifício do conhecimento humano sobre alicerces inabaláveis, razão pela qual adotou seu “método da dúvida” – que descarta quaisquer crenças suscetíveis do menor grau de incerteza. Depois de indicar a falta de confiabilidade nos nossos sentidos e a confusão criada pelos sonhos, Descartes levou o seu método da dúvida ao limite:

*“Poderei supor... que algum demônio malicioso de grande poder e astúcia tenha empregado todas as suas energias para me enganar. Poderei pensar que o céu, o ar, a terra, as cores, as formas, os sons e todas as coisas externas são meras ilusões de sonhos que ele criou para confundir meu raciocínio.”*

Entre os escombros de suas antigas crenças e opiniões, Descartes vislumbra uma única partícula de certeza – o *cogito* – no (aparentemente) seguro embasamento no qual se baseia para começar a tarefa de reconstrução do conhecimento (veja a página 20).

## Na cultura popular

Ideias como a do cérebro numa cuba provaram ser tão inspiradoras e sugestivas que passaram por várias personificações populares. Uma das mais bem-sucedidas foi o filme *Matrix*, de 1999, no qual o *hacker* de computadores Neo (interpretado por Keanu Reeves) descobre que o mundo norte-americano em 1999 é na realidade uma simulação virtual criada por

uma ciberinteligência maligna e que ele e todos os outros humanos são mantidos dentro de cápsulas de líquido conectadas a um gigantesco computador. O filme é uma representação dramática do cenário do cérebro-numa-cuba, pois inclui todos os seus elementos principais. O sucesso e o impacto de *Matrix* são um lembrete da força de argumentos extremamente céticos.

**1655**

O navio de Teseu

**1690**

O véu da percepção

**1974**

A máquina de experiências

**1981**

O cérebro numa cuba

Infelizmente para Putnam e Descartes, embora ambos estejam bancando o advogado do diabo – adotando posições céticas para poderem confundir o ceticismo –, muitos filósofos ficaram mais impressionados pela habilidade deles em montar a armadilha cética do que por suas tentativas subsequentes de sair dela. Apelando à sua própria teoria causal de significado, Putnam tenta mostrar que o cenário cérebro-numa-cuba é incoerente, mas parece conseguir, no máximo, mostrar que o cérebro numa cuba não poderia expressar o pensamento do que é um cérebro numa cuba. Na prática, ele demonstra que um cérebro colocado numa cuba é invisível e indescritível de dentro da cuba, mas não fica claro que essa vitória semântica (caso seja uma vitória) vai longe para tratar do problema referente ao conhecimento.

**Ceticismo** O termo “cético” costuma ser aplicado a pessoas inclinadas a duvidar de crenças comuns ou que, por hábito, duvidam das pessoas e de conceitos em geral. Nesse sentido, o ceticismo pode ser caracterizado como uma tendência saudável e aberta a sondar e testar

### O argumento da simulação

Pessoas comuns podem ficar tentadas a deixar de lado as conclusões assustadoras dos céticos, mas não deveríamos nos apressar a fazer o mesmo. Um engenhoso argumento recentemente delineado pelo filósofo Nick Bostrom sugere ser bastante possível que *já estejamos* vivendo numa simulação de computador! Pense nisso...

No futuro, é provável que a nossa civilização alcance um nível tecnológico que seja capaz de criar simulações computadorizadas incrivelmente sofisticadas de mentes humanas e de mundos que possam ser habitados por tais mentes. Serão necessários recursos relativamente pequenos para sustentar esses mundos simulados – um único *laptop* do futuro poderia abrigar milhares ou milhões de mentes simuladas –, então é provável que

as mentes simuladas superem em número as mentes biológicas. As experiências das mentes simuladas serão indistinguíveis das experiências das mentes biológicas, e é claro que nenhuma delas vai acreditar que é simulada, mas as mentes simuladas (que serão maioria) estarão enganadas. Naturalmente, enxergamos esse argumento em termos de hipóteses sobre o futuro, mas quem garante que esse “futuro” já não aconteceu – que tal *expertise* em computadores já não tenha sido alcançada e que já não existam mentes simuladas? Pensamos, é óbvio, que não somos mentes simuladas por computador vivendo num mundo simulado, mas isso pode ser uma homenagem à qualidade da programação à qual fomos sujeitos. Seguindo a lógica do argumento de Bostrom, é bem possível que a nossa suposição esteja errada!



crenças popularmente aceitas. Tal tendência é, em geral, uma proteção contra a credulidade, mas ao mesmo tempo pode transformar-se numa tendência a duvidar de tudo, mesmo que não exista justificativa para duvidar de algo. Para o bem ou para o mal, contudo, ser cético, nesse sentido mais popular, é diferente do uso filosófico do ceticismo.

O cético filosófico não afirma que nada sabemos – até porque afirmar isso seria obviamente autodestrutivo (uma coisa que não poderíamos saber é que nada sabemos). A posição do cético é desafiar o nosso direito de afirmar que temos conhecimento. Pensamos que sabemos muitas coisas, mas como podemos defender essa afirmação? Quais as bases que podemos apresentar para comprovar afirmações específicas de conhecimento? Nosso suposto conhecimento do mundo baseia-se em percepções adquiridas por meio dos nossos sentidos, geralmente mediados pelo uso da razão. Mas tais percepções não estão sempre sujeitas a erro? Podemos ter certeza de que não é uma alucinação ou sonho, ou de que a nossa memória não nos prega peças? Se a experiência de sonho é indistinguível da experiência de viver estando acordado, nunca podemos ter certeza de que aquilo que pensamos ser o caso é de fato o caso – de que aquilo que acreditamos ser verdade é de fato verdade. Tais dúvidas, levadas ao extremo, conduzem a demônios do mal e a cérebros em cubas...

A epistemologia é a área da filosofia que se ocupa do conhecimento: determina o que sabemos e como sabemos, e identifica as condições que devem existir para que algo seja considerado conhecimento. Concebida como tal, pode ser encarada como uma resposta ao desafio do cético; sua história, vista como uma série de tentativas de derrotar o ceticismo. Muitos acham que os filósofos subsequentes a Descartes não foram mais bem-sucedidos que ele em vencer o ceticismo. A preocupação de que no final não haja como escapar da cuba lança uma profunda sombra sobre a filosofia.

**“O computador é tão inteligente que pode até fazer a vítima pensar que está sentada, lendo estas palavras exatas sobre a interessante mas, no fundo, absurda suposição de que existe um cientista do mal que retira o cérebro das pessoas e o coloca em uma cuba de nutrientes.”**

Hilary Putnam, 1981

## A ideia condensada: você é um cérebro dentro de uma cuba?

# 02 O mito da caverna

Imagine que você passou a vida inteira aprisionado numa caverna. Seus pés e suas mãos estão acorrentados e a sua cabeça está presa, de modo que você só consegue olhar para uma parede à sua frente. Atrás de você há uma fogueira acesa, e entre você e o fogo há uma passarela usada por seus captores para transportar estátuas de pessoas e vários outros objetos de um lado para outro. As sombras que esses objetos lançam na parede são as únicas coisas que você e seus companheiros de prisão já viram na vida, as únicas coisas sobre as quais pensam e conversam.

Talvez a mais conhecida das muitas imagens e analogias usadas pelo filósofo grego Platão, o mito da caverna aparece no volume 7 da *República*, obra monumental na qual ele investiga o que seria o Estado ideal e seu governante ideal – o rei filósofo. A justificativa de Platão para entregar as rédeas do governo aos filósofos apoia-se num detalhado estudo da verdade e do conhecimento, e é nesse contexto que a alegoria da caverna é usada.

A concepção de Platão sobre o conhecimento e seus objetos é complexa e multifacetada, como se torna claro à medida que a parábola da caverna continua.

*Agora suponha que você foi libertado das correntes e pode andar pela caverna. A princípio meio cego pela claridade do fogo, aos poucos você passa a ver a caverna como ela é e entende a origem das sombras que anteriormente você considerava como realidade. Por fim, você recebe permissão para sair da caverna e conhecer o mundo do lado de fora, ensolarado, onde você enxerga a plenitude da realidade iluminada pelo mais brilhante objeto no céu, o Sol.*

## linha do tempo

**c.375** a.C.

O mito da caverna

**1644** d.C.

*Cogito ergo sum*